



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

EMANUELLA VIRGINIA ALCANTARA OLIVEIRA

**MINHAS MEMÓRIAS: REFLETINDO A TRAJETÓRIA HISTÓRICA DA
MINHA FORMAÇÃO ACADÊMICA**

**CAMPINA GRANDE
Setembro de 2014**

EMANUELLA VIRGINIA ALCANTARA OLIVEIRA

**MINHAS MEMÓRIAS: REFLETINDO A TRAJETÓRIA HISTÓRICA DA
MINHA FORMAÇÃO ACADÊMICA**

Memorial apresentado ao Curso de Pedagogia da
Universidade Federal de Campina Grande, como
pré-requisito para conclusão da Licenciatura em
Pedagogia

CAMPINA GRANDE
Setembro de 2014

EMANUELLA VIRGINIA ALCANTARA OLIVEIRA

**MINHAS MEMÓRIAS: REFLETINDO A TRAJETÓRIA HISTÓRICA DA
MINHA FORMAÇÃO ACADÊMICA**

Aprovada em: ____/____/____

Média final: _____

EXAMINADORA:

PROF^a. ME. MARIA GORETE DE MEDEIROS

Dedico este trabalho primeiramente a Deus pela sua imensa bondade e sabedoria. À minha família, em especial aos meus pais e esposo, pela fé e confiança demonstrada. À minha filha Sara Maria (In memória) que mesmo não estando presente no meio de nós, sei que olha por mim na morada do Pai. Aos meus amigos pelo apoio incondicional. Aos meus mestres, pela dedicação e por todos os ensinamentos no decorrer do curso. Enfim a todos que de alguma forma me incentivaram a chegar até aqui. Meu muito obrigada!

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela vida e pela força, pois mesmo em dificuldades me deu disposição, coragem e sabedoria para continuar e vencer.

Como expressão de muito amor, respeito e gratidão, agradeço à minha família, em especial aos meus pais Edna Alcantara de Oliveira e Francisco de Assis Oliveira, e a minha avó Maria das Neves, pelo amor incondicional. Por terem feito o possível e o impossível para que eu conseguisse chegar até o fim, sempre acreditando e respeitando minhas decisões e nunca deixando que as dificuldades acabassem com os meus sonhos, serei imensamente grata a vocês meus pais queridos.

Às minhas irmãs, Érika e Carol, por sempre acreditarem em mim. Amo vocês!

Ao meu esposo que me apoiou em todo tempo, não me deixou desistir em nenhum momento. Por toda força, paciência, carinho e amor dedicados de forma tão intensa e verdadeira e que me ajudaram à enfrentar essa jornada de forma mais leve. Seu incentivo e apoio foram fundamentais. Muito obrigada meu amor por tudo!

Agradeço em especial a minha amiga e irmã Nádia Maria, por sempre me apoiar e ajudar sem medir esforços. Por tantos momentos partilhados, por cada sorriso e lágrimas em vários momentos. Por sua fé e paciência. Sem você por perto seria tão difícil, por isso minha gratidão.

A todas as colegas de curso, em especial à minha amiga Larranna Taveira, que participou da minha formação e compartilhou de vários momentos no percorrer do curso. Obrigada por todos os momentos vivenciados juntas.

Às minhas amigas Mayara Santiago e Niedja Oliveira, companheiras diárias dos meus anseios. Obrigada pela atenção que sempre me dispensaram.

A todos os professores que foram fundamentais na minha formação e, especialmente, a minha orientadora, Maria Gorete. Agradeço aos professores do departamento de educação que sempre que solicitados estavam dispostos a ajudar.

Enfim, a todos aqueles que, de algum modo, contribuíram para a realização e concretização desse sonho.

A todos, muito, muito obrigada!

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2- MINHAS MEMÓRIAS: refletindo a trajetória histórica da minha formação acadêmica	9
2.1- Os primeiros anos de minha vida escolar: marcas que ficaram	9
2.2- Trilhando meus próprios caminhos: início da formação acadêmica	12
2.3- Saberes construídos na vivência dos estágios Supervisionados	14
2.3.1- O Estágio em Gestão	14
2.3.2- O Estágio em Educação Infantil	17
2.3.3- O Estágio Supervisionado III	20
2.4- Área de aprofundamento: influência na minha formação	25
3- CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
4- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	28

1- INTRODUÇÃO

Como parte integrante do conteúdo exigido pela Coordenação do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande, para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia, o presente Memorial de Formação tem por objetivo a exposição das principais experiências vivenciadas durante a minha trajetória de vida escolar e formação acadêmica.

Desta forma, registrar minhas memórias é uma oportunidade riquíssima de trazer, para agora, recordações e reflexões vivenciadas em diferentes circunstâncias e etapas de minha vida. A luz destas reflexões, referentes à importância da escrita do Memorial, durante o processo de formação, Brito afirma que

memorial é relato escrito de forma abrangente, que implica descrição, análise, interpretação das memórias selecionadas, dos conhecimentos produzidos e das aprendizagens auferidas. Memorial é um texto. É um percurso. É uma trajetória. É um movimento feito de várias trajetórias, e, cuja tessitura, pela trama, seus trançados e traçados, produz um tecido denso, resistente e, em geral de bela estampa. (BRITO, 2010 p. 58).

Neste sentido, a escrita do Memorial de Formação me fez recordar cada uma dessas vivências, me dando a oportunidade de refletir sobre o caminho percorrido até aqui, permeado de alegrias e tristezas, que por vezes guiaram as possibilidades de concretizar o sonho de me tornar pedagoga. No transcorrer dessa narrativa, contextualizo cada uma dessas vivências com as teorias estudadas durante o curso de Pedagogia.

Para esse fim, a feitura deste memorial está dividida em quatro tópicos. Esta breve introdução caracteriza-se como o primeiro tópico, onde apresento sua estrutura composicional. No segundo, compartilho a minha trajetória escolar até a entrada no Curso de Pedagogia, as aprendizagens alcançadas e os fatores relevantes para a minha formação. No terceiro, encontram-se as minhas Considerações Finais. No quarto e último tópico, apresento os autores que serviram de referência para escrita deste Memorial de Formação.

2- **MINHAS MEMÓRIAS:** refletindo a trajetória histórica da minha formação acadêmica

2.1- Os primeiros anos de minha vida escolar: marcas que ficaram

Escrever este memorial é uma oportunidade de trazer, para o presente, lembranças de algumas experiências vivenciadas em diferentes circunstâncias e etapas de minha vida e que serviram de estímulo para que eu pudesse chegar ao tão sonhado diploma de graduação no curso de Pedagogia. Nasci na cidade de Campina Grande, interior do interior do estado da Paraíba, no ano de 1985. Venho de família muito humilde: minha mãe cursou até o sexto ano e meu pai concluiu o, pois não tiveram oportunidade de estudar devido à necessidade de trabalhar ainda na adolescência. Contudo, tiveram o cuidado de matricular as três filhas na escola, sempre nos incentivando a estudar e ingressar em um ensino superior. Além deles, cresci vendo duas tias por parte de mãe, se formar como pedagogas. Elas me incentivaram a seguir os seus passos e me motivaram a não desistir do sonho de lecionar.

Minha trajetória estudantil deu-se no início, aos quatro anos de idade, no então jardim de infância, atual educação infantil. Fui matriculada em uma escola privada situada na mesma rua em que morávamos e lá permaneci até a alfabetização. Tenho poucas lembranças dessa fase de minha vida. Recordo-me da minha primeira professora, à qual carinhosamente chamávamos de “tia Babi”, uma pessoa muito amável, afetuosa e paciente comigo e com toda minha turma.

Recordo que minha sala de aula era grande e tinha duas portas que permitam a circulação de ar. Adorava as músicas infantis que cantávamos e as brincadeiras que a professora mediava conosco. Todos os dias fazíamos atividades de pinturas e eu adorava os desenhos mimeografados que tínhamos que colorir. Agora, ao me recordar desse período, chego a sentir o cheiro daquelas tardes que passava em minha sala de aula. Essa fase de minha vida foi de extrema importância, porque foi a base de toda minha aprendizagem.

Em 1994, fui para a classe de alfabetização. Lá iniciei as primeiras aprendizagens para aquisição da leitura e da escrita. Minha professora fazia uso de um método bastante sintético. Fui alfabetizada através do método tradicional de ensino, em que a exposição

das letras, sílabas e formação de frases, era apresentada de maneira descontextualizada e muito mecânica.

Tínhamos que decorar as letras identificando sempre com algumas imagens. Além disso, a professora fazia uso das cartilhas do ABC, nas quais era cobrada diariamente a escrita e leitura das atividades feitas, tanto em sala de aula como em casa. A prática pedagógica pautada nos métodos tradicionais de ensino é contrária ao que Freire (1996, p. 62) orienta. Segundo este autor, “aprender a ler e escrever não significa a memorização de sílabas, palavras ou frases, mas refletir criticamente sobre esse processo e sobre o verdadeiro significado da linguagem”.

Particularmente, foi muito complicado para mim a etapa da alfabetização, porque não conseguia aprender as letras do alfabeto nem decodificar as sílabas e isso me incomodava muito, pois tive muita dificuldade em acompanhar a minha turma.

Com o passar dos dias, fui percebendo que alguns dos meus colegas já sabiam ler e eu não. Até que, certa vez, ao chegar em casa pedi ajuda ao meu pai. Recordo-me das vezes em que ele estudava comigo e de como isso me dava uma segurança muito grande. Tanto foi que, aos poucos, fui aprendendo a ler e consegui acompanhar a minha turma. Eu era uma criança muito introvertida. Todas as vezes que tinha dúvidas durante a aula, ficava em silêncio e não tinha coragem de perguntar nada, pois sentia muito medo de ser repreendida pela professora. Hoje em dia percebo o quanto isso comprometeu minha trajetória de vida escolar.

No ano de 1995 ingressei na primeira série do Ensino Fundamental (atual segundo ano). Fui matriculada em uma escola pública situada no bairro onde resido, na qual permaneci até o término do. Nessa época, as disciplinas que formavam o currículo eram: Português, Matemática, Estudo Sociais e Ciências. Em Português, tínhamos que ler os textos que a professora trazia, fazer ditados e cópias. Já na disciplina de Matemática, praticamente era reservado à memorização da tabuada. Em Ciências e Estudos Sociais, os conteúdos eram apresentados de acordo com o que estava no livro didático.

Aos sete anos, entrei na primeira série. Minha timidez atrapalhou muito, principalmente nas disciplinas de Português e Matemática. As aulas me deixavam muito nervosa, pois geralmente, eu não conseguia compreender o que estava sendo ensinado. As professoras tinham sua didática centrada na pedagogia tradicional. Sobre isto, Zabala afirma que

a perspectiva 'tradicional' atribui aos professores o papel de transmissores de conhecimentos e controladores dos resultados obtidos. O aluno, por sua vez, deve interiorizar o conhecimento tal como lhe é apresentado, de maneira que as ações habituais são a repetição do que se tem que aprender e o exercício entendido como cópia do modelo até que seja capaz de automatizá-lo. (ZABALA, 1998, p. 89)

Não tínhamos autonomia para quase nada. Nas aulas ministradas, eram exigidos os comportamentos de ordem e de silêncio total. Da primeira até à quarta série, a metodologia de ensino adotada por todas as professoras baseava-se em atividades de cópias, ditados e memorizações, principalmente da tabuada.

Todos os dias era obrigatória a tomada da tabuada. Cada aluno era chamado, um a um, para o birô da professora. Lá, tínhamos que apresentar a tabuada de acordo com as exigências da professora. Caso errássemos, ficávamos o recreio escrevendo a parte errada no caderno repetidamente. Sempre passava de ano com muita dificuldade. Até que chegou a temida quarta série. Sobre esta postura autoritária da minha professora, Mizukami afirma que

esta relação é vertical e o mestre ocupa o centro de todo o processo, cumprindo objetivos selecionados pela escola e pela sociedade. O professor comanda todas as ações da sala de aula e sua postura está intimamente ligada à transmissão de conteúdos. Ao aluno, neste contexto, era reservado o direito de aprender sem qualquer questionamento, através da repetição e automatização de forma racional. (MIZUKAMI, 1986, p.14-15)

Como já mencionei anteriormente, sempre tive bastante dificuldade em memorizar os conteúdos e era bastante tímida. Quando cheguei à quarta série, não conseguia acompanhar o que era exigido pela professora. Nas provas sempre tirava muitas notas baixas e acabei sendo reprovada. Foi um dos piores momentos de minha vida como estudante. Um dos pontos que me marcou profundamente foi o papel exercido pela minha família e que acabou sendo um dos pontos cruciais para me ajudar a superar as causas da minha reprovação. No ano seguinte passei de ano e desde então nunca mais fui reprovada em nenhum ano. Hoje, ao analisar todo o meu processo de aprendizagem nas quatro primeiras séries do, vejo o quanto fui prejudicada e acabei sendo vítima do ensino denominado por Freire (1977) como de educação bancária, em que os professores detêm todo o conhecimento e depositam nos alunos conteúdos pré-determinados.

No ano de 1997, entrei para o. Fiquei muito assustada com as mudanças que ocorreram nesta fase, principalmente com a quantidade de professores, pois nos anos anteriores era apenas

uma professora para as quatro disciplinas ministradas em cada série. A partir daquele momento, passava a ser oito professores. Adorava todas as aulas, mas tinha predileção pelas disciplinas de História, Geografia e Educação Física. Nas aulas referentes a essas matérias sempre me destacava. Na sexta série, entrei para o time de futsal da escola.

Com algumas alunas de outras séries e uma amiga que estudava na mesma sala que eu, comecei a disputar torneios e me popularizar na escola. Jogava muito bem e, devido a minha boa atuação nos jogos durante o campeonato estadual de futsal feminino, recebi a proposta de estudar em uma escola privada da cidade. Infelizmente faltaram-me as condições financeiras para me manter em uma escola assim, pois para chegar nessa escola eu precisava de algum transporte. Aproveitei muito o meu. Lá fiz grandes amizades, as quais até hoje conservo em minha vida. Tive a sorte de terminar a oitava série com os mesmos amigos do início.

Fui uma boa aluna. Em nenhuma das séries tanto no como no, não fiquei em recuperação e não fui reprovada em nenhuma matéria. Queria que meus pais tivessem orgulho de mim e sabia que, para isso, o estudo era um dos caminhos.

No ano de 2002 entrei no. Nessa fase me dediquei muito aos meus estudos, pois sabia que para ter sucesso no vestibular, para o tão sonhado curso de Pedagogia, precisava estudar muito. Como na minha casa não havia ninguém que já tivesse ingressado no ensino superior, desejava profundamente dar esse orgulho aos meus pais.

2.2- Trilhando meus próprios caminhos: início da formação acadêmica

No ano de 2004 prestei meu primeiro vestibular para Licenciatura em Pedagogia e Licenciatura em História, porém não tive êxito. No ano seguinte, me dediquei muito aos estudos. E no ano de 2006 prestei meu segundo vestibular na Universidade Estadual da Paraíba, para o curso de Licenciatura em Pedagogia. Ao sair o resultado, não me contive de tanta alegria, pois a aprovação no vestibular foi um grande estímulo para mim, porquanto a partir daqueles dia novos horizontes se abriam na minha vida.

Sempre desejei ser professora, estava realizando o meu sonho. Sempre serei muito grata a todos os professores que, mesmo de forma indireta, colaboraram para que eu conseguisse chegar a uma formação acadêmica. E com esse pensamento e determinação de tornar-me professora cheguei à Universidade Estadual da Paraíba. Foram dois anos de muitas

aprendizagens e experiências. Lá permaneci até o ano de 2008, quando apareceu a oportunidade de transferência para a Universidade Federal de Campina Grande - UFCG. Fiz o processo seletivo para estudar no período 2009.1 pela manhã. Porém, devido a várias burocracias existentes na UFCG, o curso só abriria turma no período de 2009.2 e à noite. Tentei entrar com um processo, porque no edital estava que a turma seria 2009.1. Tive que esperar um período para retomar meus estudos. Enquanto isso, tentei entrar com um processo pedindo dispensa de algumas disciplinas já estudadas na UEPB. Como a grade curricular era praticamente a mesma, imaginei que iria aproveitar algumas disciplinas. No entanto, os professores negaram meu pedido e eu tive que iniciar do zero.

Durante umas três semanas fiquei totalmente desestimulada, pois tudo que havia estudado na outra instituição serviu apenas como conhecimento adquirido. Além disso, durante a minha matrícula, foi exigido pelo coordenador do curso na época que eu me matriculasse em uma disciplina no período da manhã, devido ao sistema de crédito em cada disciplina. Durante os três primeiros semestres, foram assim. Meu coeficiente de rendimento acadêmico caiu. Contudo, continuei e não deixei que isso impedisse o meu sonho de concluir minha graduação.

Nos primeiros períodos, ficava super animada com as aulas de Filosofia, Sociologia, História da Educação e Psicologia. Adorava a leitura dos textos sobre as temáticas que envolviam os assuntos dessas disciplinas. Os debates provocados pelos professores, sempre me davam um injeção de ânimo e me dava ainda mais certeza sobre a minha escolha profissional. Durante esses cinco anos fui entendendo a importância dessas disciplinas para o curso de Pedagogia. Elas me deram a oportunidade de olhar de forma diferenciada para tudo aquilo que diz respeito à realidade educacional. Neste sentido, cada disciplina colaborou para que eu tivesse uma compreensão crítica da realidade social, política, cultural e econômica na qual a escola está inserida.

No terceiro período, eu engravidei. Porém, o que era para ser um motivo de alegria, acabou se transformando em um dos momentos mais angustiantes e tristes de minha vida. Com quinze semanas de gestação, no dia de saber o sexo, foi detectado um problema no crânio do bebê o que ocasionou uma anencefalia. Os médicos, disseram que o bebê não iria ter condições de viver e que se eu quisesse, ilegalmente teria como resolver o que eles chamaram de problema.

Sempre fui uma pessoa muito temente a Deus e por ser muito católica, jamais faria algo que viesse a tirar minha paz e sossego. Recordo-me que no dia que descobri o problema com minha filha, à noite iria fazer uma prova e não poderia deixar para reposição. As minhas companheiras de sala relataram o ocorrido ao professor e muito frio, segundo elas, ele acabou ignorando a situação e disse que se eu não fosse eu iria perder a disciplina. Sem condições psicológicas fui fazer a prova só para não ser reprovada. A atitude daquele professor me marcou muito de forma bastante negativa. Foi o período mais complicado de minha vida acadêmica.

Embora toda essa situação tenha afetado o meu rendimento acadêmico, eu não pensei em desistir em nenhum momento. Apesar da atitude incompreensível de um professor, tive apoio e ajuda dos demais. Esses estarão para sempre em minhas lembranças, pois mesmo diante de todas as dificuldades vivenciadas nessa fase de minha vida, ao me lembrar do apoio e da ajuda de todos os professores, olho para trás e só tenho motivos para agradecer a cada um deles por todos os ensinamentos e por cada conhecimento adquirido durante esse período. Quero seguir o exemplo e ensinamentos de vocês. Além dos professores, a ajuda e apoio das minhas companheiras de sala me deram sustento e ânimo para continuar.

E assim continuei esse caminho. Lembro-me das disciplinas de Estágio I e II. Aprendi muito com as professoras e com as vivências partilhadas nas escolas e na sala de aula. No sexto período, fiz a prova e entrei para o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – Pibid. Nesse período aprendi muitas coisas, mais uma vez, confirmei através das intervenções de docências que realizei nos dois estágios, que estou no caminho certo. Sei que a caminhada é longa, mas irei concluir meu sonho. Que essas memórias sejam apenas o início de outras recordações em minha trajetória de vida acadêmica.

2.3- Saberes construídos na vivência dos estágios Supervisionados

2.3.1- -O Estágio em Gestão

No segundo semestre do ano de 2012, como um dos requisitos para conclusão da disciplina Estágio Supervisionado I, realizei uma pesquisa de intervenção nos anos iniciais do , da Escola Municipal Paulo Freire ¹ situada no município de Campina Grande, no Estado da Paraíba. Desenvolvida juntamente com minha dupla de pesquisa,

¹ Nome fictício para preservar a identidade da escola pesquisada

inicialmente, apresentamos um estudo temático sobre a gestão escolar a partir de uma nova visão de organização do trabalho e desenvolvimento das ações democráticas do gestor e em unidade com a equipe escolar.

Após algumas semanas de aula, fui pela primeira vez à escola, acompanhada da professora orientadora da pesquisa. Estava bastante temerosa sobre esse primeiro contato com a escola. Porém, ao contrário do que estava pensando, fui muito bem recebida pela gestora e por toda a equipe pedagógica. Nesse primeiro contato, tive a oportunidade, a qual considero de extrema importância, de observar a configuração dos aspectos referentes à gestão escolar.

Considero esse contato com o corpo administrativo da escola de extrema relevância para minha formação, uma vez que a diretora foi muito atenciosa, conversou sobre várias questões que eu estava acostumada a ver apenas nos textos ou em relatos na sala de aula do curso de Pedagogia. Esse contato me permitiu conhecer e participar do funcionamento da gestão da escola, contribuindo para obtenção de conhecimentos necessários à minha formação pedagógica.

Durante debates em torno da temática abordada, nas disciplinas já supracitadas, fui valorizando ainda mais a importância de uma gestão bem articulada, cujo objetivo é organizar um ambiente institucional democrático, participativo e humanizado. No entanto, o que percebi é que a diretora, na maioria das vezes, acabava tomando decisões individuais sem se importar com a opinião e trabalho coletivo dos membros da escola.

No tipo de gestão democrática o olhar da escola é voltado para o seu Projeto Político-Pedagógico, lugar próprio de decisões socializadas, com participação de todos os segmentos da comunidade escolar. A escola é, portanto, entendida como um lugar onde todos devem trabalhar para a realização de um projeto coletivo, com o qual todos se comprometem. (Brasil, MEC - Plano Nacional de Educação, para todos).

Através dos estudos realizados durante minha formação, aprendi que a gestão escolar tem como aliada um princípio constitucional de democratização. Atrelado a ela, encontramos os recursos administrados pela escola, a liderança do gestor e a participação da comunidade, os quais são os pilares que proporcionam a eficácia da escola. Tal democratização proporciona o processo de gestão participativa. Por conseguinte ela está atrelada à capacidade de tomar decisões compartilhadas além de

estar comprometida com o todo, voltando-se ao uso do talento e à competência, organizada coletivamente, bem como ao mesmo em que é articulada.

Acredito que para uma administração escolar se efetivar como uma gestão pautada nos princípios democráticos é necessário que esta esteja apoiada na participação de todo o corpo escolar. Se isso acontece na prática a intuição acabará tendo bons resultados, pois a construção organizacional da escola precisa estar apoiada na experiência do coletivo. Sobre isto, Sanchez afirma que “a partir da Constituição de 1988, desencadeou-se no Brasil esforços para elaboração de uma nova LDB², esta, por sua vez, deveria estar apoiada em critérios e princípios de uma gestão democrática” (SANCHEZ, 1999. p.48)

Dessa forma, percebi uma contradição nas falas e atitudes da gestora. No discurso, a participação de todos os componentes da escola se configurava de forma ativa e afetiva. Porém, na prática tais afirmações não existiam, uma vez que muitas das decisões da escola eram impostas pela própria gestora e todos os membros da instituição acatavam as ordens dadas por ela. Assim, percebi pouquíssimos traços de uma gestão democrática, pois nas escolas pesquisadas há centralização de função e poder por parte dos gestores, fazendo com que não haja participação da comunidade escolar nas tomadas de decisão.

Ao se referir sobre a temática gestão democrática, sei que esta deveria ser uma característica presente na gestão educacional e na gestão escolar, assim como está determinado na LDB9394/96

Art. 14. Os sistemas de ensino definirão as normas da gestão democrática do ensino público na educação básica, de acordo com as suas peculiaridades e conforme os seguintes princípios:

I - participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto pedagógico da escola;

II - participação das comunidades escolar e local em conselhos escolares ou equivalentes.

Considerando Coutinho (2000, p. 19), é possível afirmar que “com a gestão democrática, parte-se do princípio de que o diretor não está sozinho, nem para decidir e nem para agir. Percebemos que a gestão democrática não é sinônimo de que todo mundo faz tudo, ou qualquer um faz qualquer coisa”. Durante meu processo de

²Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

formação, fui aprendendo a importância de cada sujeito no processo educativo, no entanto, o planejamento e a implementação das ações deverá partir sempre do coletivo.

Neste sentido e à luz das discussões realizadas no percorrer da graduação, bem como das experiências vivenciadas no Estágio Supervisionado I, acredito que é possível realizar uma gestão democrática em que todos os membros da escola e comunidade estejam juntos para planejarem as avaliações, métodos didáticos, eventos, enfim, tudo o que estiver relacionado ao processo de ensino/aprendizagem.

Desta forma, destaco a importância das experiências vivenciadas durante o período do estágio em gestão, como futura pedagoga e tendo em vista o fato de um dia poder exercer o cargo de gestora em alguma escola. Acompanhar a rotina da escola foi de extrema importância para que eu pudesse analisar e associar a teoria à prática. Além disso, tive a oportunidade de construir novos conhecimentos e trocar saberes com a gestora da instituição, uma vez que, juntamente com a turma, elaborei e socializei a temática Gestão Compartilhada, que foi apresentada na Universidade Federal de Campina Grande para os gestores e professores das escolas pesquisadas.

2.3.2- O Estágio em Educação Infantil

O Estágio Supervisionado II se constituiu como um dos momentos mais desafiadores no meu processo de formação. Eis, que havia chegado o momento de colocar em prática os conhecimentos adquiridos ao longo do curso de Pedagogia.

Juntamente com a minha dupla do estágio em Gestão e sob a orientação da professora da disciplina Estágio Supervisionado II, elaboramos um projeto de pesquisa-intervenção na Educação Infantil, com enfoque na música e brincadeiras no processo de aprendizagem das crianças inseridas no contexto escolar da Creche Municipal Maria da Mota³, situada no município de Campina grande, estado da Paraíba.

Foram quatro semanas de observação. O estudo de algumas disciplinas, tais como: Pesquisa II; Língua Materna I e II; Fundamentos da Educação Infantil; Educação Infantil e Anos Iniciais no ; Arte na Educação Infantil e Anos Iniciais do influenciaram na elaboração dos planos de aula no período da regência, bem como na construção do

³ Nome fictício para preservar a identidade da escola onde aconteceu a vivência do Estágio em Educação Infantil.

relatório final de estágio. Ao longo dessa itinerância acadêmica, além dos estudos e debates referentes à Educação Infantil na disciplina de Estágio Supervisionado II, fundamentei meus conhecimentos teóricos através da prática de ensino.

Contudo, mesmo diante de todas as leituras e debates em sala de aula, senti muito medo sobre o estágio em Educação Infantil, pois além de trabalhar com crianças pequenas, as intervenções em sala de aula tinham como temática central a música e as brincadeiras no processo de aprendizagem das crianças. Sabia que não seria uma tarefa fácil, pois até aquele momento, não foi oferecido vivências de práticas dessa natureza em minha formação. Senti-me desafiada, busquei teóricos e obras que abordavam a temática escolhida para a elaboração do projeto. E com esse sentimento parti para a intervenção.

Foram cinco dias de um trabalho riquíssimo, sob o olhar atento e avaliativo da professora orientadora do estágio e da professora regente da turma do pré-escolar. Nesse período, desenvolvi atividades com as crianças, de forma planejada, que envolviam a musicalidade e brincadeiras em sala de aula. Sobre o processo de planejamento na Educação Infantil, Bhering e Fullgraf afirmam que

planejar na Educação Infantil significa olhar para frente baseado naquilo que vivenciamos anteriormente. E formatar possibilidades e traçar caminhos, decidir e escolher, desenvolver intencionalidades para acompanhar os interesses e raciocínio das crianças para, então, agir e interagir, e promover atividades, como a brincadeira, tanto na creche como na pré-escola. (BHERING; FULLGRAF, 2001, p. 48).

Diante desse prisma, reforço a importância das observações realizadas antes do período interventivo. Durante essa etapa, busquei observar todos os aspectos que pudessem contribuir para a minha atuação no período de intervenção, analisando as necessidades partindo da realidade educacional da turma e com o objetivo de tentar supri-las durante minha atuação.

Deste modo, nessa primeira fase do estágio, pude perceber que as crianças tinham a necessidade de ação, de fala e de escuta. As mesmas passavam a tarde em uma sala pequena, sentadas em cadeiras enfileiradas, impossibilitadas de exercer qualquer movimentação devido ao pouco espaço da sala de aula. Segundo Piaget (1978, p. 35), “a representação do espaço para a criança é uma construção internalizada a partir das ações e das manipulações sobre o ambiente espacial próximo do qual ela faz parte”.

Além disso, as canções e brincadeiras apresentadas pela professora no cotidiano de sua prática não permitiam que as crianças desenvolvessem suas habilidades motoras, sua autonomia, ou qualquer aprendizagem que ajude no processo de desenvolvimento. Isso me inquietou muito. Sobre isto, Gomes afirma que

a música é uma forma de expressão, é manifestação de sentimento, um meio de comunicação existente na vida dos seres humanos. Devido a sua importância, deve ela estar presente no contexto educacional. “Sabemos que a música é uma linguagem, capaz de despertar vários sentimentos, sensações e pensamentos na criança”. (GOMES, 2012, p. 74)

Foi então que tive uma conversa com minha companheira de estágio e pedimos a autorização da professora da turma para que, no período da intervenção, retirássemos a turma da sala de aula e a levássemos para o pátio. Valle (1971, p. 52), explica que “a música envolve uma aprendizagem apreciativa porque a criança tende a gostar ou não de alguma coisa. Essa apreciação é favorecida quando se cria um ambiente favorável para o que se deseja ensinar e quando a música consegue se adequar ao interesse dos alunos”.

Desta forma, entendi que a música e a brincadeira têm funções tão importantes quanto as dos outros conhecimentos no processo de ensino e aprendizagem da Educação Infantil, pois além de criarem novas relações, a utilização da música e da brincadeira, se trabalhadas de forma consciente, permite que a criança se expresse de forma livre e autônoma, processo este que contribui para o seu desenvolvimento motor e psicomotor. De acordo com Lima, o professor precisa estar munido de conhecimentos teóricos para inserir a brincadeira e a música no espaço escolar, evitando uma prática pedagógica repleta de equívocos acerca da maneira como a música e brincadeiras devem ser trabalhadas. Reforçado o caráter da importância da brincadeira e da música no mundo infantil, a autora afirma que

a vivência de brincadeiras e músicas devem propiciar a alegria, o prazer e o desenvolvimento da criança. A brincadeira e a música constituem aspectos inerentes à criança, podendo ser utilizados para proporcionar desenvolvimento e uma prática pedagógica mais interessante e rica em oportunidades de interação. (LIMA, 2010, p.2)

Assim, pensei em atividades inovadoras, com enfoque nas crianças e que respeitassem o seu desenvolvimento, pois em algumas aulas no meu processo de formação acadêmica, fui aprendendo que cabe ao professor analisar e refletir sobre suas práticas educativas para melhorá-las cada vez mais.

Ao observar a proposta pedagógica da professora efetiva da sala onde realizei a intervenção, percebi que a mesma fazia uso de metodologias mecânicas. Em função disto, os alunos realizavam atividades prontas ou reproduziam o que era pedido pela docente. Eram métodos tradicionais. As crianças ficavam quietas, mal falavam. Só participavam das aulas os alunos que ela chamava. Geralmente eram sempre os mesmos.

Era claro que a condução que a docente sabia fazer tendia a não valorizar nem respeitar o desenvolvimento das crianças. Tal postura se contradiz com os ensinamentos adquiridos no meu processo de ensino no curso de Pedagogia. Aprendi que o professor em sua prática diária deverá respeitar as crianças como sujeitos ativos no processo de ensino/aprendizagem. Esse conhecimento foi essencial para elaboração e execução dos planos de aula. Soler (2003, p.40), afirma que o professor “deve ser o mediador entre o aluno e o processo de conhecimento, atuando como orientador e facilitador da aprendizagem, e deve integrar, no desenvolvimento de atividades, os aspectos cognitivos, afetivos, psicomotores e sociais.

Diante disso, aprendi que o trabalho com crianças pequenas é desafiador, porém é muito gratificante e encantador. Parar para ouvir, tentar entender o universo da criança e respeitar o seu ponto de vista, foram posturas pedagógicas que construí durante o Estágio II e na vivência com as crianças.

Sendo assim, destaco a importância das intervenções na vivência do Estágio II para minha formação como pedagoga. Esse contato com a prática de ensino me fez amadurecer e me proporcionou uma satisfação e alegrias indescritíveis de interação, não só com os alunos, mais com todos os componentes da Creche Municipal Maria da Mota.

2.3.3- O Estágio Supervisionado III

O Estágio Supervisionado III, realizado no último período do curso de Pedagogia, se constituiu como uma das ferramentas essenciais para a consolidação de minha futura prática docente. Este foi dividido em duas etapas: observação e intervenção. Neste sentido, a experiência de uma prática de ensino, agora nos Anos Iniciais do I, me deu a oportunidade de refletir e vivenciar situações reais sobre a dinâmica educacional.

No entanto, devido à insegurança e ao medo do que eu iria encontrar pela frente, vários questionamentos e dúvidas tomaram conta dos meus pensamentos. Eis que teria um novo desafio pela frente. De início, recordo-me que a professora Ana⁴, orientadora do estágio, nos questionou e pediu para que a turma apontasse as maiores dúvidas acerca dos conteúdos que já havíamos estudado e que faziam referência à prática de ensino. Sempre tive muita dificuldade em elaborar um plano de aula. Essa deficiência era presente em todas as alunas da minha turma de estágio. Neste sentido, a professora propôs a construção coletiva de um plano de ensino, baseado em uma das aulas vivenciadas nesta disciplina.

Segundo Vygotsky (1998, p. 89), “a aprendizagem não é um processo solitário, ou individual, mas um processo social que ocorre na interação com o outro”. Nesse sentido, destaco o papel exercido pela professora Ana. Esta teve um papel fundamental na construção de vários conhecimentos adquiridos nessa disciplina. Através de suas orientações, tive a oportunidade de relacionar teoria e prática, eliminar dúvidas e aprender novos conteúdos.

Após a vivência desta etapa de retomada de conteúdos, passei, juntamente com toda a turma, para o processo de elaboração de um mini projeto pedagógico que seria desenvolvido no período da regência. Em uma das aulas, a professora Ana pediu que sugeríssemos um tema para que pudéssemos trabalhar. Optamos pelo trabalho com a prática da leitura de livros de Literatura Infantil articulada ao ensino das diferentes disciplinas ensinadas nos anos iniciais do.

Durante os debates em algumas aulas que tratavam do tema sobre Literatura Infantil, fui entendendo que esta propõe indagações, estimula a curiosidade e a produção de novos conhecimentos. Sobre isto, Oliveira afirma que

os livros infantis, além de proporcionarem prazer, contribuem para o enriquecimento intelectual das crianças. Sendo esse gênero objeto da cultura, a criança tem um encontro significativo de suas histórias com o mundo imaginativo dela própria. A criança tem a capacidade de colocar seus próprios significados nos textos que lê, isso quando o adulto permite e não impõe os seus próprios significados, visto estar em constante busca de uma utilidade que o cerca. (OLIVEIRA, 2005, p. 125)

⁴ Nome fictício para preservar a identidade da professora orientado da disciplina Estágio Supervisionado III.

De acordo com Zilberman (1981, p. 53), “a leitura deve levar a criança ao conhecimento do mundo e o do ser; nesse sentido, a criança estimulada ao ato de ler sente-se motivada para ler o mundo, conhecer realidades diferentes, perceber que há diferentes finais para um mesmo fato”.

Neste sentido, fiquei bastante temerosa com a proposta de elaboração do plano de aula, pois acreditava não ser possível o trabalho com obras de Literatura Infantil atreladas ao ensino de diferentes matérias sem torná-las um material para desenvolver conteúdos em sala de aula.

Em seguida, organizamos o cronograma de atividades da disciplina e segui juntamente com a turma para a observação. A professora dividiu a turma de Estágio Supervisionado III em quatro duplas e um trio. Os grupos conversaram para a escolha da série e sala em que cada um deles realizaria a intervenção. Fiquei com a mesma dupla dos estágios anteriores e nossa observação e intervenção seria realizada com a turma do 5º ano.

As incertezas e os anseios vieram sem moderação, pois não sabia a realidade que encontraria. Muito temerosa, me dirigi até à sala. Pensava o tempo todo sobre como seria a turma, se conseguiria interagir com os alunos e com a professora e como eu iria desenvolver a regência, se a única experiência que tive de contato com uma sala de aula se efetivou na disciplina do Estágio em Educação Infantil.

Fui muito bem recebida, tanto pelos alunos como pela professora e por toda equipe pedagógica. Infelizmente o período de observação foi bastante conturbado. Estávamos vivenciando a realização da Copa do Mundo aqui no Brasil e também comemorando as festividades juninas.

Lembro-me que no dia da observação, a escola estava bastante agitada, pois as crianças estavam ensaiando para uma apresentação cultural e as professoras estavam empenhadas orientando as crianças. Em virtude disto, tivemos apenas uma tarde para realizar a observação.

Após esse período de observação, iniciei a elaboração dos planos de aula juntamente com minha companheira de estágio. E eis que me vi mais uma vez desafiada. Como já relatei, estava muito temerosa em saber que a regência deveria trabalhar com alguma obra de Literatura Infantil. Além desta temática, o nosso plano de aula deveria focar, também, a temática trabalhada na escola. Assim, iríamos trabalhar com as diferentes

versões do conto de “João e Maria” presas ao tema “Meio Ambiente” e atreladas a cada matéria com seus respectivos conteúdos.

O processo de construção dos planos de aula foi muito complexo. Exigiu muitos conhecimentos pedagógicos que permeiam o planejamento de ensino. Senti muita dificuldade. Durante dias, pensei que não conseguiria concluir a feitura dos planos de ensino a tempo. Mas, com muita dedicação, estudo e persistência, consegui finalizar os planos de aula. Eis que mais uma vez a ansiedade e expectativa de colocá-lo em prática tomaram conta de mim.

Na semana de intervenção. Recordo-me que o medo e a insegurança eram imensos. Porém, ao chegar à sala e ser recebida de forma tão acolhedora e afetuosa, todos aqueles sentimentos que existiam em mim foram sumindo. A realização e efetivação de tudo que estava nos planos de aula, a colaboração da classe e ajuda das professoras que regiam as turmas, me fizeram sentir segura e mais uma vez o sentimento de certeza a respeito da profissão que eu escolhi tomaram conta do meu existir. De acordo com Piconez (2000, p. 16) "os estágios são vinculados ao componente curricular Prática de Ensino cujo objetivo é o preparo licenciamento para o exercício do magistério em determinada área de ensino ou disciplina". Além disto, as lembranças das teorias de aprendizagem estudadas durante o curso permitiram que eu consolidasse a minha futura da prática docente.

Sobre a relação entre teoria e prática no contexto da formação inicial de professores, Pimenta afirma que

o saber docente não é formado apenas da prática, sendo também nutrido pelas teorias da educação. Dessa forma, a teoria tem importância fundamental na formação dos docentes, pois dota os sujeitos de variados pontos de vista para uma ação contextualizada, oferecendo perspectivas de análise para que os professores compreendam os contextos históricos, sociais, culturais, organizacionais e de si próprios como profissionais. (PIMENTA, p. 104, 1999)

Reporto-me ainda ao pensamento de Freire (1991, p. 58), “a gente se faz educador, a gente se forma como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática”. Diante disso, as vivências no Estágio III, permitiram que eu refletisse criticamente sobre a construção da minha identidade pessoal e profissional enquanto futura docente.

Ao longo da semana da intervenção, me deparei com várias situações e imprevistos, tanto dentro da sala de aula como fora dela. No terceiro dia de intervenção, sofri uma torção no pé, ficando impossibilitada de ir ao estágio. Minha companheira ficou responsável pelo cumprimento do plano de ensino daquele dia. Tais acontecimentos exigiram algumas adaptações na sequência do meu plano de ensino. No entanto, a postura e orientações das professoras, permitiram que tudo desse certo. A postura e ajuda das docentes me marcaram profundamente. A troca de experiências me permitiu refletir sobre a importância dessa grande tarefa que é educar. Pimenta (1999, p. 103), afirma que “estágio como reflexão da práxis possibilita aos alunos que ainda não exercem o magistério aprender com aqueles que já possuem experiência na área docente.”

Recordo-me que durante a realização das atividades desenvolvidas, as professoras ficaram admiradas com o trabalho desenvolvido. Segundo elas, a forma como atrelei o conto de “João e Maria”, juntamente com a temática Meio Ambiente e os conteúdos das matérias, principalmente a Matemática, as fizeram refletir sobre as possibilidades e riqueza de se trabalhar com uma obra de Literatura Infantil de forma multidisciplinar. Realço também a participação e interesse dos alunos durante as aulas. Os mesmos tinham opiniões críticas acerca das temáticas trabalhadas e procuravam sempre dialogar uns com os outros, respeitando sempre a opinião do colega de sala.

Das contribuições relevantes às construções de saberes para a minha futura prática docente, destaco ainda, o último dia de regência. Os alunos construíram, coletivamente, uma nova versão do conto de João e Maria, dentro da temática do Meio Ambiente, intitulada João e Maria ecológico. Fiquei encantada com o empenho e com o resultado final da produção. Além deles, as professoras colaboram bastante em todo o processo de construção da mesma. Foi um dos momentos mais enriquecedores que vivenciei durante o Estágio.

Posso afirmar que a troca de ensinamentos foi uma experiência extremamente válida e respondeu todas as minhas expectativas a respeito da minha futura prática de ensino. Neste sentido, a vivência do Estágio Supervisionado III me fez compreender que o processo de ensino e aprendizagem demanda envolvimento, reflexões, debates, o saber ouvir e o respeito às experiências dos alunos. Concluo essa fase do curso com o

sentimento de dever cumprido, com o anseio de fazer algo novo, na intenção de contribuir para o desenvolvimento dos meus futuros alunos.

2.4-Área de aprofundamento: Influencia na minha formação

Durante a trajetória do curso, fui aprendendo a gostar ainda mais das disciplinas ligadas à área de psicologia. Sempre me interessei por temas que envolviam o comportamento humano. Foi com esse interesse que optei pela psicologia, como área de aprofundamento. Através dos estudos e debates em sala de aula, consegui compreender ainda mais a importância da psicologia para o cotidiano do professor em sala de aula. Sei que, como futura pedagoga, esta área permitirá que eu entenda as fases de desenvolvimento dos alunos que irei encontrar nas salas de aula e consiga traçar métodos pedagógicos que respeitem a singularidade de cada aluno. Neste sentido, Larocca afirma que

entende-se que nenhum professor minimamente responsável por sua tarefa poderá desprezar instrumentos reflexivos acerca do processo de aprendizagem, do desenvolvimento intelectual, do desenvolvimento afetivo, do processo de socialização do ser humano, de como e porque alguém é motivado para determinada busca, para interagir com seus pares, e ao meio de tudo isso, diferenciar-se e assemelhar-se ao seu grupo humano, familiar, cultural, construindo-se uma singularidade. (LAROCCA, 2000, p. 122)

Cada disciplina da área de aprofundamento está me permitindo construir novos conhecimentos, que sei que farão a diferença para minha vida profissional. Todas as disciplinas são importantíssimas, porém as que mais me encantaram foram as que se referem aos Processos Psicossociais de Exclusão, Psicanálise da Educação e Psicologia Socio-cultural, pois estas trazem em seus conteúdos, assuntos referentes ao desenvolvimento humano ligados ao seu processo de aprendizagem, aspectos psicoeducativos durante o processo de aprendizagem dos alunos, fatores intrapessoais, das influências do rendimento escolar, concepções e desenvolvimento da criança e do adolescente. Desta forma, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) nº 9.394/96 destaca a importância de conhecer as características das diferentes fases do ser humano quando considera que a

formação de professores deve assegurar o conhecimento cognitivo, afetivo e emocional do desenvolvimento individual, tanto de uma perspectiva científica quanto relativa às representações culturais e às práticas sociais de diferentes grupos e classes sociais. Igualmente relevante é a compreensão das formas diversas pelas características psíquicas a faixas etárias diversas. (BRASIL, 2001, p. 44)

Essas disciplinas estão me fazendo refletir o quanto a práxis pedagógica fundamentada nesses ensinamentos é importante no processo de desenvolvimento das aprendizagens dos alunos. São debates riquíssimos que, a cada aula, têm me levado a refletir e a construir, ainda mais, meu espírito crítico e autocrítico.

Neste sentido, destaco a disciplina Psicologia Sócio-Cultural, pois esta tem me permitido, através da aplicabilidade de seus conteúdos, refletir sobre as contribuições que esta área poderá trazer para o meu exercício profissional futuro, em benefício do desenvolvimento do aluno no seu processo escolar. Sei que, quando me defrontar com os desafios, saberei agir de forma adequada e assim irei construir e intervir de forma segura.

A área de aprofundamento em psicologia tem contribuído para minha formação, além de me fornecer elementos e instigar-me, como futura professora, a sempre buscar meios que contribuam para a qualidade da educação e do ensino. É uma área que tem me permitido refletir e construir de forma autônoma, após a leitura e releitura de cada texto ou pelos debates em sala de aula, um senso crítico e reflexivo sobre minha futura prática docente.

3- Considerações Finais

A escrita deste Memorial de Formação foi uma experiência riquíssima. Através deste, tive a oportunidade de expor as principais experiências que vivenciei durante a minha trajetória de vida escolar e formação acadêmica. Registrar minhas memórias me deu a chance de trazer para o presente, lembranças e reflexões que influenciaram na minha escolha pela profissão docente.

Hoje olho para trás e vejo que todos os acontecimentos durante o meu processo de formação foram essenciais para a construção da minha identidade. Sei que estas experiências irão me acompanhar para o resto de minha vida. Finalizo este trabalho de Conclusão de Curso com a mente repleta de lembranças, algumas boas outras nem tanto. E com esse sentimento de nostalgia, recordo-me dos altos e baixos, das angústias e alegrias que, muitas vezes, guiaram meus passos.

Foram várias as dificuldades vivenciadas, principalmente no último semestre do curso. Foi um misto de sentimentos. Por vezes, senti-me pressionada e me julguei incapaz por não conseguir assimilar as exigências desse último período. Não foi uma tarefa fácil dar conta da conclusão do Memorial de Formação, das disciplinas da Área de Aprofundamento e do Estágio III. Foram várias noites mal dormidas, cansaço mental e reclamações.

Hoje, ao olhar para trás e ver todos os esforços que desempenhei neste curso, sinto que valeu tudo muito apenas, pois cada situação vivida me fez adquirir vários conhecimentos. Estes ensinamentos, muitos deles vivenciados nos Estágios Supervisionados, me ajudaram a desenvolver uma boa prática de ensino aprendizagem, os quais levarei para o resto de minha vida. Neste momento sou dominada pelo sentimento de felicidade, pois finalmente consegui realizar o meu sonho.

4- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996. Disponível em: <<http://www.fef.com.br/biblioteca/arquivos/manual-artigos-cientificos.pdf>>. Acesso em: 19 de agosto de 2014.
- BRASIL. **Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental.** Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Brasília: MEC/SEF. 2001
- BHERING, Eliana; FULLGRAF, Jonete. Intenções, reflexões e desejos. **Revista Educação Infantil.** 2ed. São Paulo: Segmento, 2001.p. 48-49.
- BRITO, A. E. . Narrativa escrita na interface com a pesquisa e a formação de professores. In: MORAES, D. Z; LUGLI, R. S. G. (Org.). **Docência, pesquisa e aprendizagem:** (auto) biografias como espaços de formação/investigação. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p.53-67.
- COUTINHO, C. N. **Contra a corrente: ensaios sobre a democracia e o socialismo.** São Paulo: Cortez, 2000. p. 20-39.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** São Paulo; Cortez; autores Associados, 1977.
- GOMES, Neide. **Música e a criança.** 1 Edição. São Paulo: Fermata do Brasil, 2012
- LAROCCA, Priscila. O ensino de Psicologia no espaço das Licenciaturas. **ETD-Educação Temática Digital.** Campinas, 2000. p. 120-130.
- LIMA, S. V. de. **A Importância da Música no Desenvolvimento Infantil.** Artigonal Diretório de Artigos Gratuitos. 2010. p.2-10.
- MIZUKAMI, Maria. G. N. **Ensino: As abordagens do Processo.** São Paulo: EPU, 1986. p. 14-15.
- OLIVEIRA, Ana Arlinda de. **Linguagens na Educação Infantil III** : Literatura Infantil. Cuiabá: Edufimt, 2005.
- PIAGET, Jean. **A linguagem e o pensamento da criança.** São Paulo: Martins Fontes, 1978.
- PICONEZ, Stela C. Berhtolo. **A prática de ensino e o Estágio Supervisionado.** 5ª ed.Campinas, SP: PAPIRUS, 200.
- PIMENTA, Selma Garido. **O estágio na formação de professores:** unidade teoria e prática. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 1999. p. 102-125.
- ZABALA, Antoni. As relações interativas em sala de aula: o papel dos professores e dos alunos. In: _____. **A prática educativa: como ensinar.** Tradução Ernani F. da Rosa. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- SANCHEZ, P.A. **A nova lei da educação: LDB, trajetória, limites e perspectivas.** Campinas: Autores e Associados, 1999. p. 39-57.
- SOLER, Reinaldo. **Educação Física escolar.** Uma abordagem cooperativa. Rio de Janeiro: Sprint, 2003. p. 40-42
- VALLE, Edna Almeida del. Música na escola primária. Rio de Janeiro. **Coleção didática Dinâmica.** Livraria José Olympio Editora S. A, 1971.
- VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem.** Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1998.
- ZILBERMAN, Regina. **A literatura Infantil na Escola.** São Paulo: Global, 1981.